

ATIVISMO E EDUCAÇÃO CLIMÁTICA

Estudo sobre o perfil do ativista climático brasileiro e o impacto da educação em sua formação



CENTRO
BRASIL
NO CLIMA



**The Climate
Reality Project**
BRASIL



CRÉDITOS

Preparado por: The Climate Reality Project Brasil.

Autoria: Luan Werneck, Thalison Correa, Renata Moraes e Naiara Santos.

Ilustração e diagramação: Monique Roque.

Como citar esse documento:

Werneck, L; Correa, T. B. C; Moraes, R; Santos, N. O. Ativismo e Educação Climática: Estudo sobre o perfil do ativista climático brasileiro e o impacto da educação em sua formação. The Climate Reality Project Brasil. Rio de Janeiro, 2024.

Aviso legal:

Esta publicação pode ser reproduzida para fins educacionais ou para fins não lucrativos, desde que seja feita referência à fonte. A reutilização de quaisquer figuras está sujeita à permissão dos detentores dos direitos originais. Nenhum uso desta publicação pode ser feito para revenda ou qualquer outro propósito comercial sem a permissão por escrito do Centro Brasil no Clima. O conteúdo deste relatório não reflete necessariamente as opiniões ou políticas do The Climate Reality Project Brasil, organizações contribuintes ou editores.

Agradecimentos:

Esse relatório é um resultado da coleta de dados realizada na pesquisa “Ativismo e Educação Climática” realizada pela equipe do The Climate Reality Project Brasil. Agradecemos a todos os ativistas que participaram da pesquisa e aos voluntários que ajudaram em sua realização.



SUMÁRIO

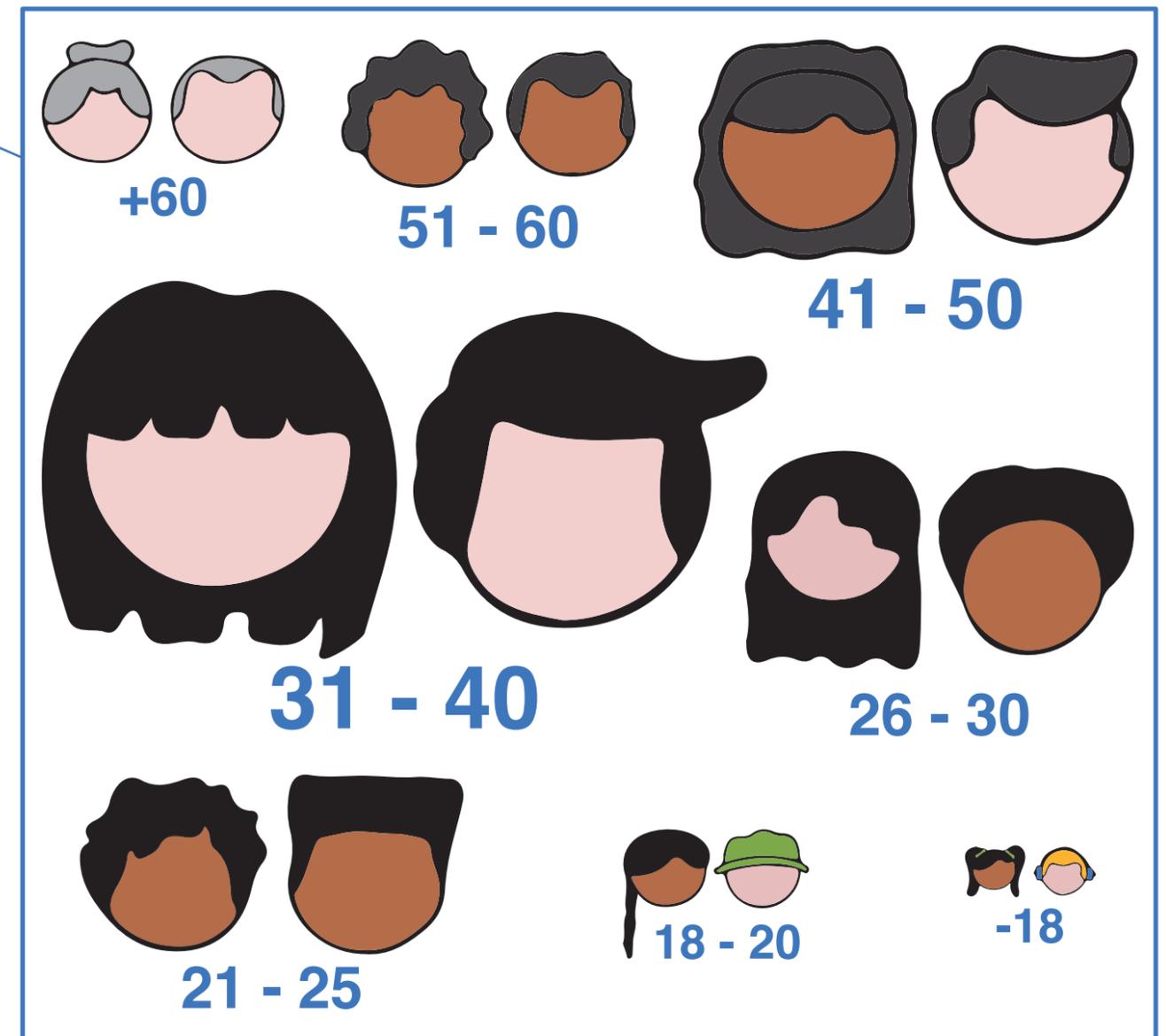
Perfil Social dos Ativistas Climáticos	4
Faixa Etária	4
Localização Geográfica	5
Comunidades de Linha de Frente	6
Ativismo Climático: Início da Jornada	7
Formas de Realização do Ativismo Climático	8
Motivações para Realizar o Ativismo Climático	9
Maiores Impactos das Mudanças Climáticas	10
Tipo de Escola Frequentada pelos Ativistas	11
Participação dos Ativistas em Aulas sobre Mudanças Climáticas	12
O Sonho dos Ativistas para a Educação Climática	15
O Sonho dos Ativistas Climáticos para o Mundo	16
Considerações Finais	17
Referência Bibliográfica	18

PERFIL SOCIAL DOS ATIVISTAS CLIMÁTICOS

FAIXA ETÁRIA

O gráfico apresentado destaca a **diversidade etária** entre os ativistas climáticos no Brasil, evidenciando um engajamento significativo em todas as faixas etárias. Com liderança da faixa de 31 a 40 anos, representando 30,6% dos ativistas, seguido por 19,4% entre 41 a 50 anos, o movimento mostra um forte envolvimento adulto na causa ambiental. Já a participação de jovens adultos (de 21 a 25 e de 26 a 30 anos) é igualmente expressiva, cada um abrangendo 13,3%.

Além disso, o engajamento dos mais jovens, entre 18 a 20 anos (4%) e de indivíduos abaixo de 18 anos (1,3%), sublinha uma ação precoce em relação às questões ambientais. Já a inclusão de grupos de 51 a 60 anos (9,3%) e mais de 60 anos (8,7%), reforça que a preocupação climática transcende gerações.

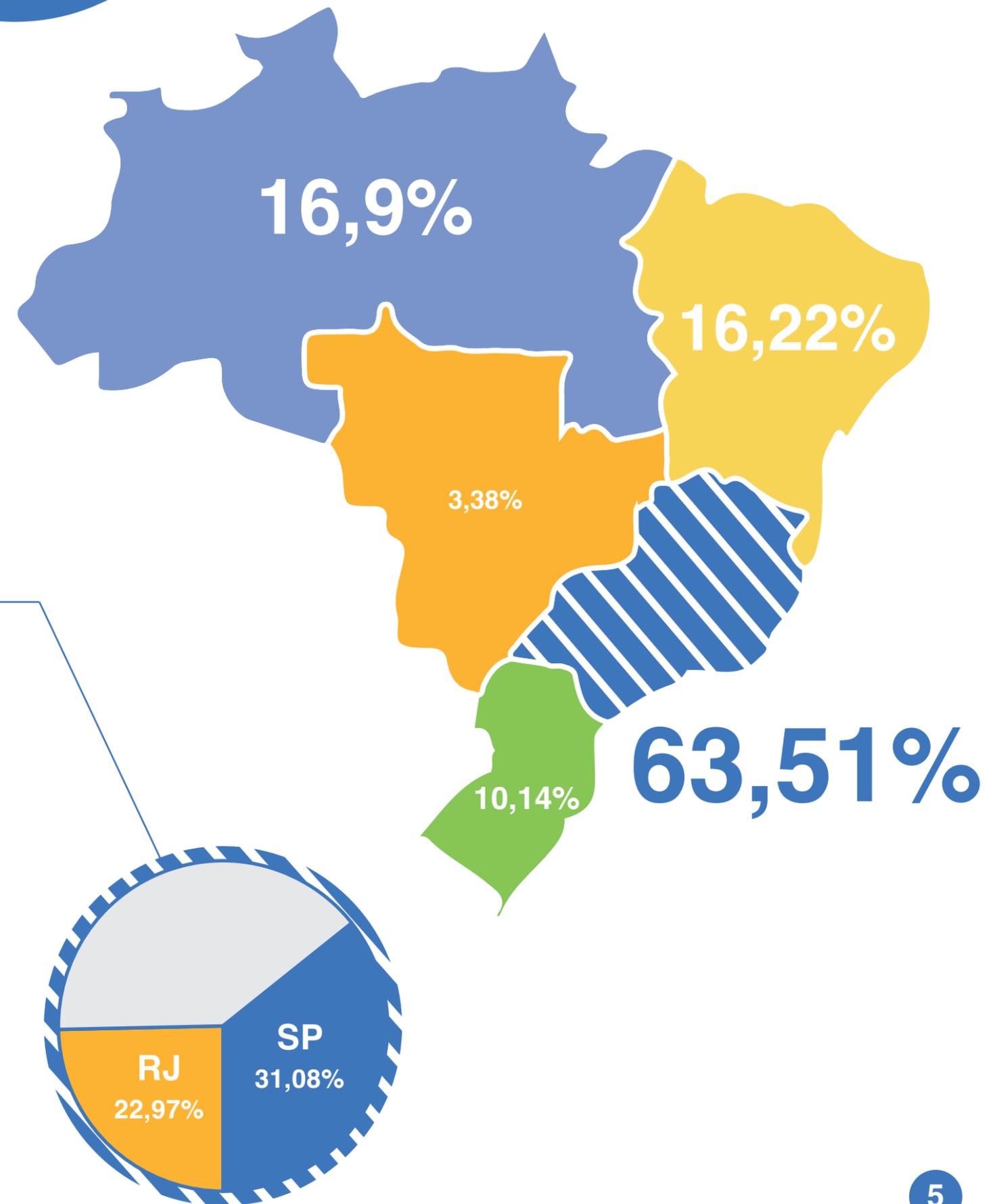


PERFIL SOCIAL DOS ATIVISTAS CLIMÁTICOS

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

O gráfico ilustra a distribuição geográfica dos ativistas climáticos no Brasil, destacando a predominância na região Sudeste, com 63,51% dos ativistas, principalmente em **São Paulo** e **Rio de Janeiro**. Este cenário não surpreende, considerando que a região Sudeste é a mais populosa do país, além de abrigar os maiores centros urbanos, sendo frequentemente espaço para debates nacionais sobre as questões climáticas.

Destaca-se, também, uma representatividade significativa na região Norte que, apesar de ser a região menos populosa do país, segue tendo uma participação expressiva nas discussões climáticas globais.



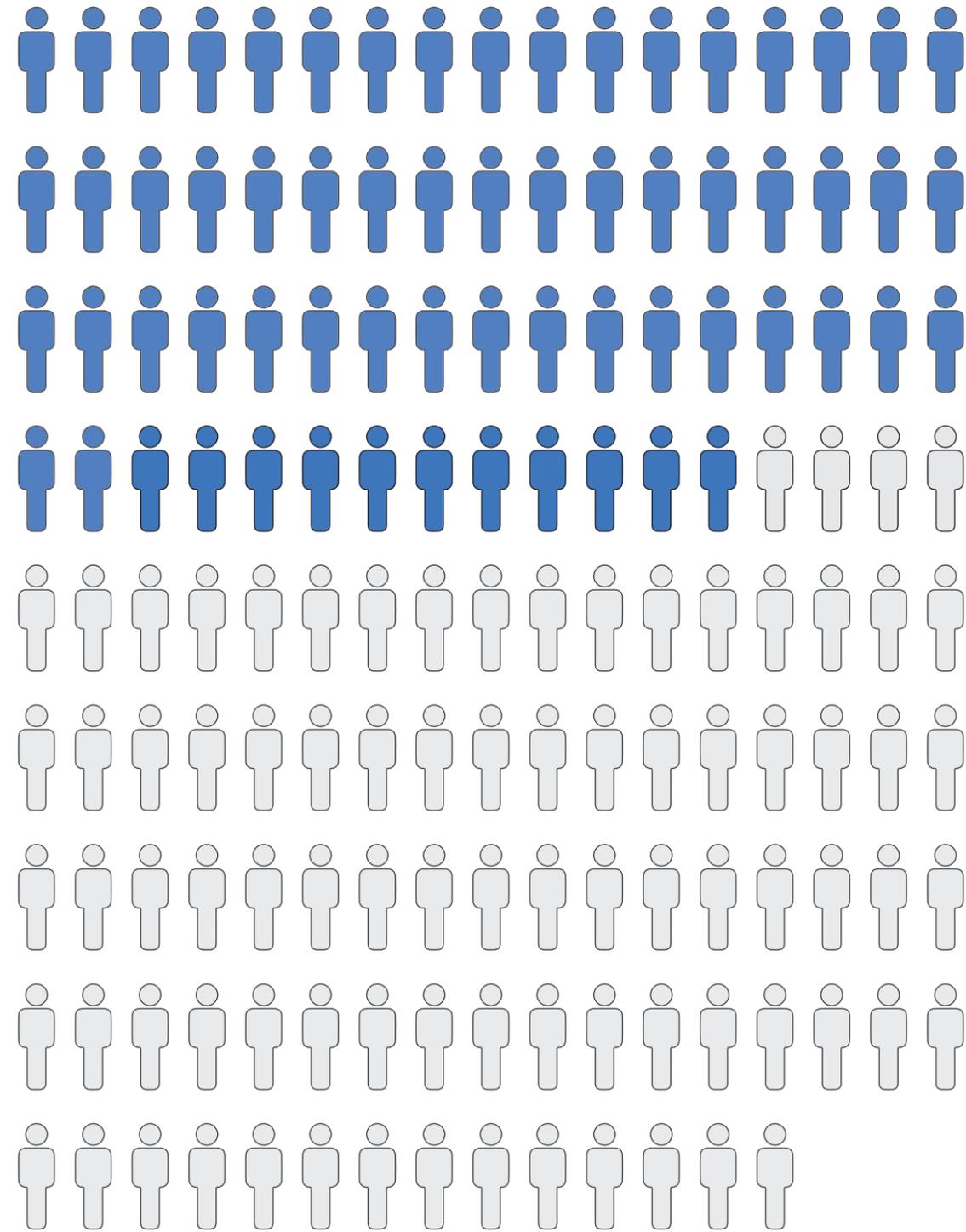
PERFIL SOCIAL DOS ATIVISTAS CLIMÁTICOS

COMUNIDADES DE LINHA DE FRENTE

O termo "Comunidades de Linha de Frente" é usado para descrever grupos mais afetados pela crise climática. Dos 150 respondentes, **64 se identificaram** como parte dessas comunidades, revelando uma diversidade socioeconômica e cultural.

Detalhes incluem:

- 25 da comunidade LGBTQIA+
- 24 da família de baixa renda
- 22 Comunidades Periféricas
- 16 Comunidade Negra
- 14 Povos Tradicionais
- 2 pessoas com deficiência

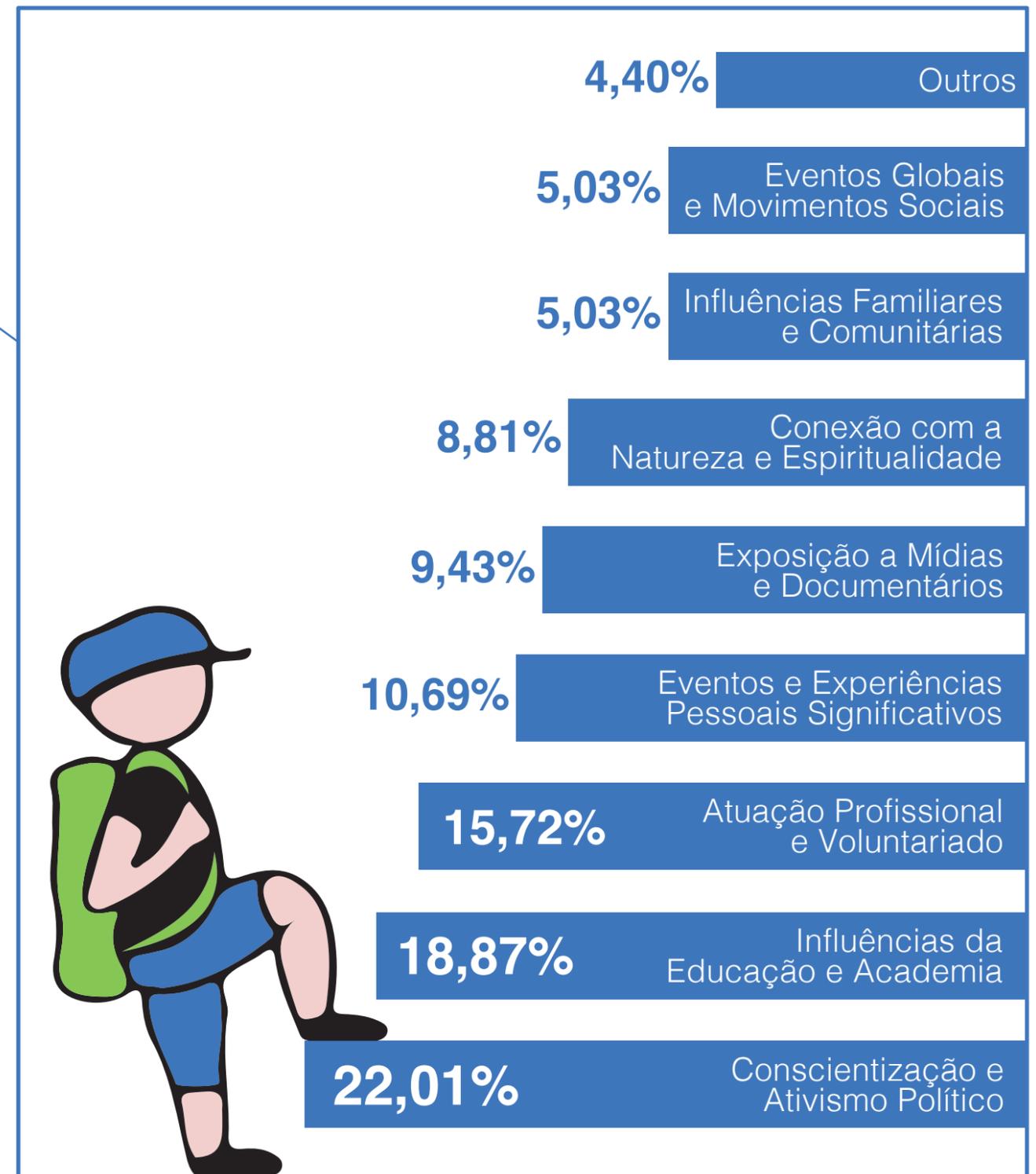


ATIVISMO CLIMÁTICO

INÍCIO DA JORNADA

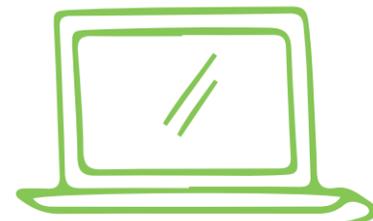
O gráfico destaca as **variadas motivações** por trás do envolvimento de indivíduos no ativismo climático, com a “Conscientização e Ativismo Político” liderando, seguido por “Influências da Educação e Academia”, e “Atuação Profissional e Voluntariado”. Outros fatores incluem “Eventos e Experiências Pessoais Significativos”, “Exposição a Mídias e Documentários”, “Conexão com a Natureza e Espiritualidade”, “Influências Familiares e Comunitárias”, e “Eventos Globais e Movimentos Sociais”.

Este conjunto de motivações sublinha a complexidade do ativismo climático, evidenciando que a mobilização em torno das questões climáticas é influenciada por uma ampla gama de fatores e experiências pessoais, profissionais e sociais.



FORMAS DE REALIZAÇÃO DO ATIVISMO CLIMÁTICO

Nota-se a diversidade de **estratégias adotadas no ativismo climático**, com a Comunicação Digital liderando, seguida por ações diretas como Voluntariado em ONGs e a Educação Ambiental. Outras táticas incluem Projetos Pessoais, Advocacy, Mobilização Comunitária, Engajamento Direto, e Pesquisa e Academia, exercendo um papel vital na abordagem multifacetada para combater a crise climática. O ativismo e a liderança estratégica, embora menos prevalentes, são cruciais para comunicar a urgência da crise de maneira emotiva e organizar esforços coletivos.



27,3%

Comunicação Digital



15,3%

Voluntariado



14,6%

Educação Ambiental



11,3%

Projetos Pessoais



9,3%

Advocacy



6,7%

Mobilização Comunitária



5,3%

Engajamento Direto



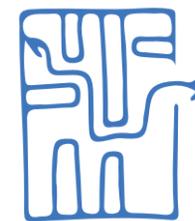
4%

Pesquisa e Academia



3,3%

Ativismo



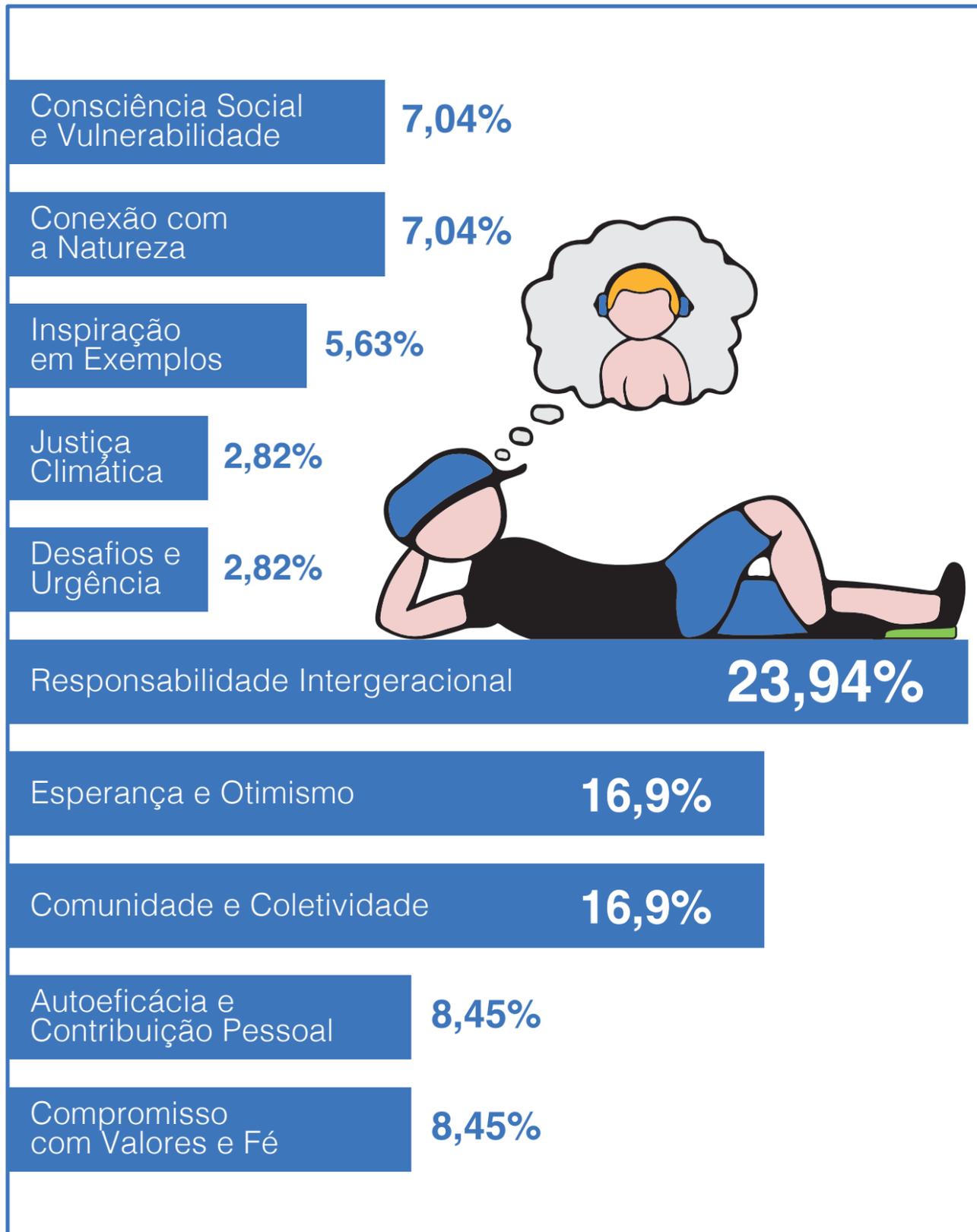
2,6%

Liderança Estratégica

MOTIVAÇÕES PARA REALIZAR O ATIVISMO CLIMÁTICO

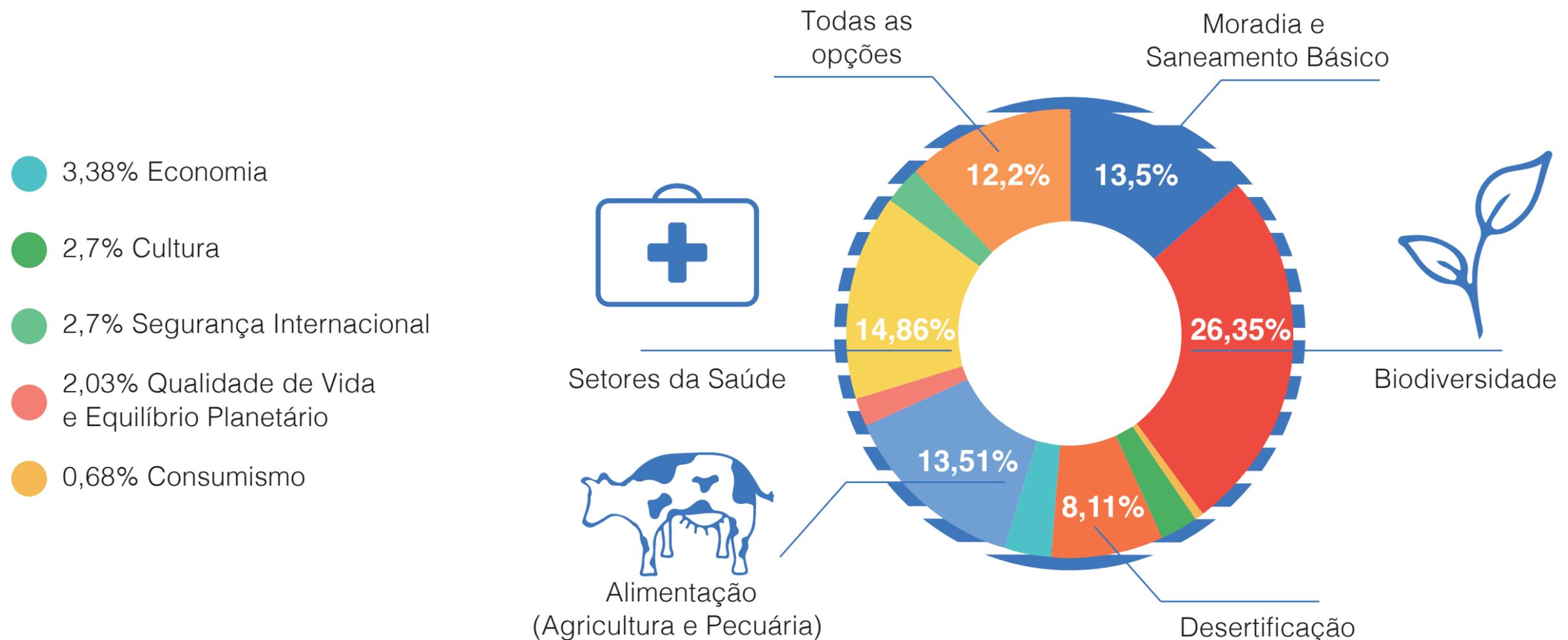
As **motivações para o ativismo climático** podem abranger desde a "Responsabilidade Intergeracional", destacando a preocupação com as futuras gerações, até "Esperança e Otimismo" e "Comunidade e Coletividade", refletindo a crença na mudança positiva e na ação coletiva. A "Autoeficácia e Contribuição Pessoal" e o "Compromisso com Valores e Fé" também ressaltam a influência da contribuição individual e dos valores pessoais na causa climática.

Menos citados, mas ainda significativos, são a "Consciência Social e Vulnerabilidade", "Conexão com a Natureza" e "Inspiração em Exemplos". Já o "Comprometimento com a Justiça Climática" e os "Desafios e Urgência" aparecem por último na pesquisa.



MAIORES IMPACTOS DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

O gráfico demonstra as percepções variadas dos respondentes sobre os maiores impactos das mudanças climáticas, com a Biodiversidade sendo a principal preocupação, seguida por impactos na Saúde e na Alimentação (Agricultura e Pecuária). Essas áreas são vistas como diretamente afetadas pelas mudanças climáticas, evidenciando uma preocupação com as consequências tangíveis na vida humana e nos ecossistemas.



TIPO DE ESCOLA FREQUENTADA PELOS ATIVISTAS

A maioria dos ativistas climáticos brasileiros foi formada em **escolas públicas**, destacando o papel potencial dessas instituições na sensibilização ambiental. Este dado sugere a importância das escolas públicas na educação climática, apesar dos desafios de recursos e infraestrutura.

Já 32,9% dos ativistas veio de **escolas privadas**, ressaltando a contribuição dessas instituições, frequentemente associadas a melhores recursos e abordagens pedagógicas, na formação de ativistas.

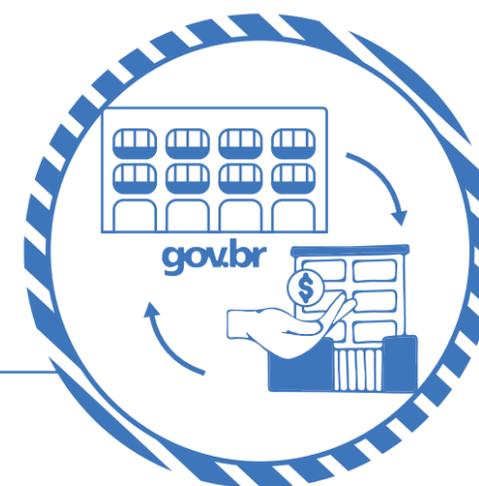
Ainda, 15,4% teve **experiências educacionais mistas**, o que pode oferecer uma visão diversificada sobre as questões climáticas.



51,7%



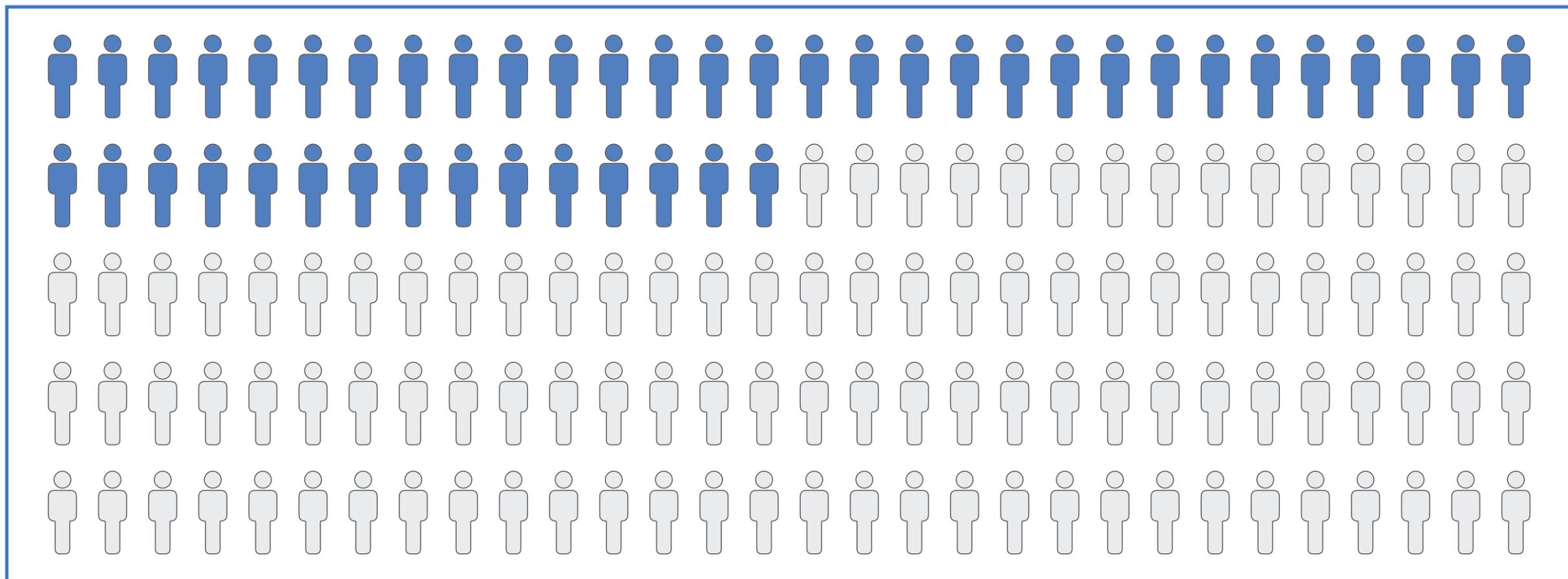
32,9%



15,4%

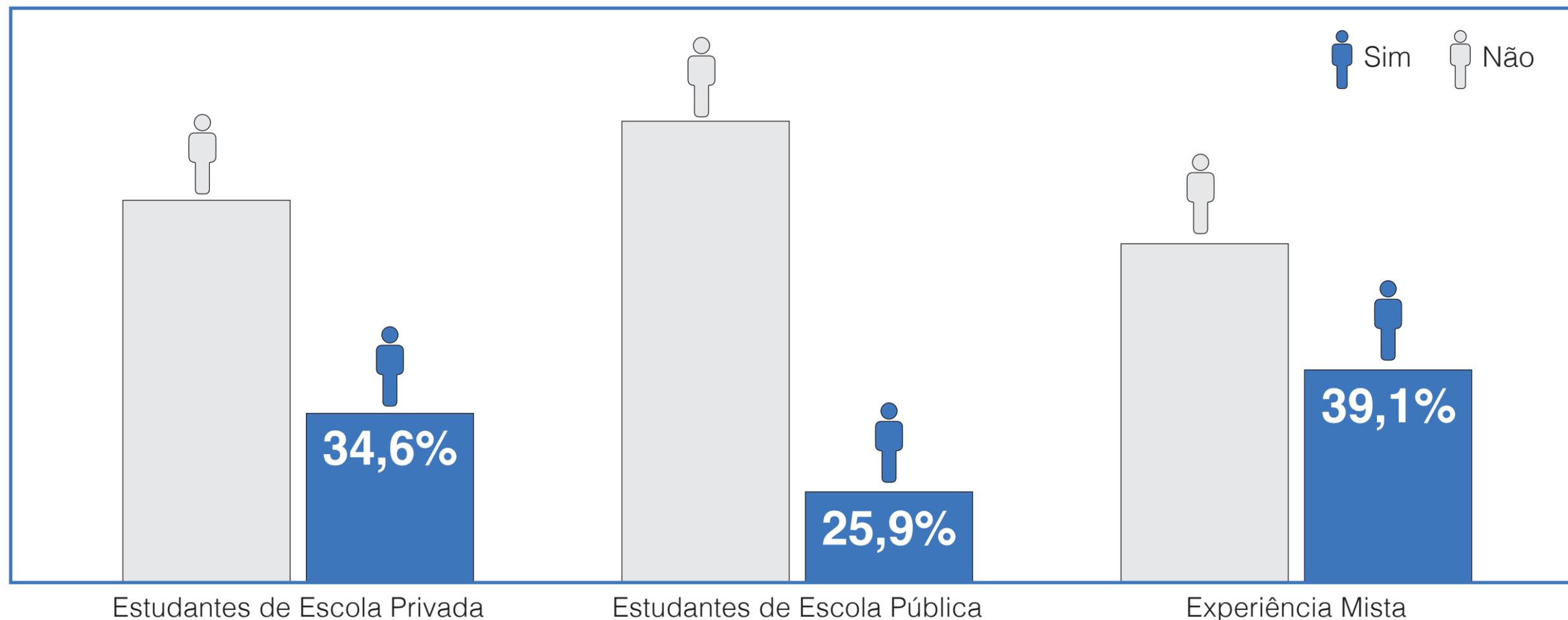
PARTICIPAÇÃO DOS ATIVISTAS EM AULAS SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Apenas 30,9% dos ativistas climáticos brasileiros tiveram **acesso a educação sobre mudanças climáticas** nas escolas, enquanto a maioria (69,1%) não teve essa oportunidade, revelando uma deficiência significativa na inclusão da educação climática nos currículos escolares do país. Esse dado ressalta a desconexão entre a urgência das questões climáticas e sua abordagem na educação formal, limitando o entendimento dos estudantes sobre a magnitude do problema climático e as estratégias necessárias para lidar com ele.



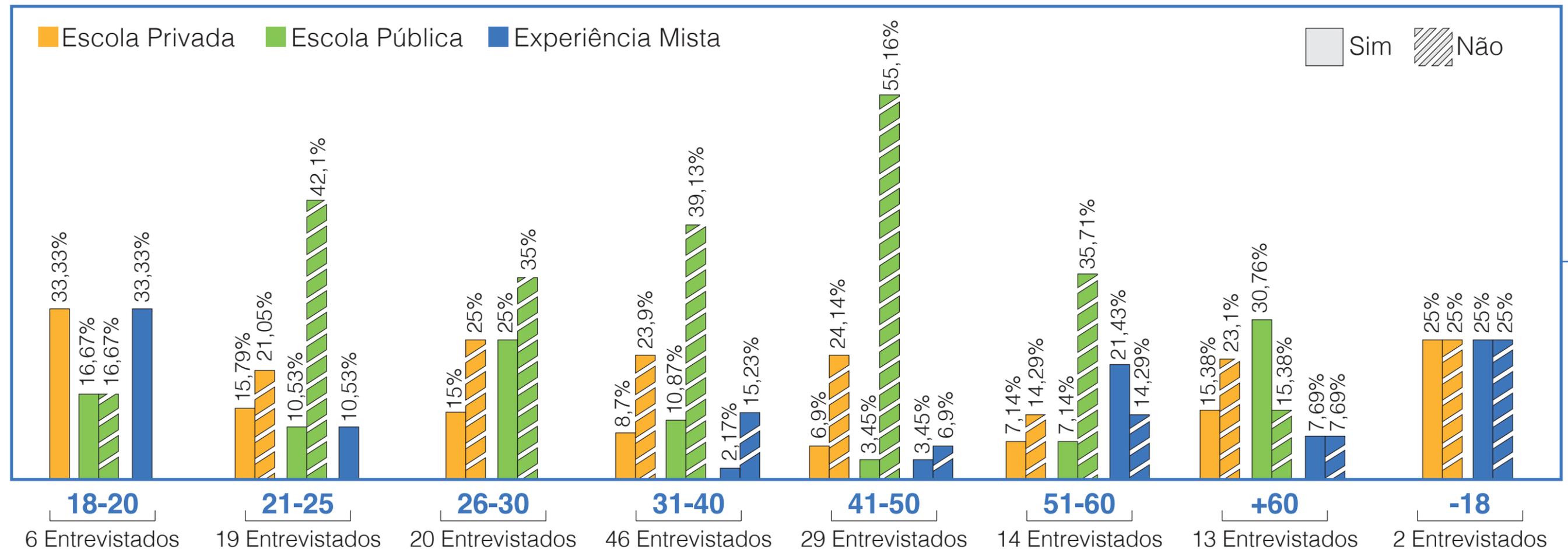
PARTICIPAÇÃO DOS ATIVISTAS EM AULAS SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Apesar da maioria dos ativistas climáticos brasileiros ter se formado em escolas públicas, os estudantes de escolas privadas reportaram maior **exposição ao tema**. Esse padrão sugere que, apesar de alguns avanços, a educação climática ainda não é uma prioridade em muitas escolas, particularmente nas públicas, que enfrentam desafios adicionais. O resultado aponta para a necessidade de novas estratégias que incluam revisão curricular, formação de professores, e projetos práticos para integrar efetivamente a educação climática em todos os tipos de escolas.



PARTICIPAÇÃO DOS ATIVISTAS EM AULAS SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS

A educação climática é insuficientemente abordada em escolas brasileiras de todos os tipos e faixas etárias, com uma participação especialmente baixa entre jovens adultos de instituições públicas. Há indícios de melhoria na oferta dessa educação entre os mais jovens, especialmente em escolas mistas. Adultos entre 41-50 anos relataram a menor exposição à educação climática em instituições públicas, destacando deficiências na integração desse tema nos currículos. Os dados apontam para a necessidade de ampliar e fortalecer a educação climática em todas as escolas, visando equipar todas as gerações para enfrentar os desafios das mudanças climáticas.



O SONHO DOS ATIVISTAS PARA A EDUCAÇÃO CLIMÁTICA

A visão dos ativistas para a educação climática no Brasil abrange **dez categorias temáticas**, enfatizando uma abordagem educacional holística e integrada. Destacam-se as “Abordagens Pedagógicas Inovadoras”, que promovem um aprendizado envolvente através de atividades práticas, arte e cultura local, e a “Interdisciplinaridade e Transversalidade”, ressaltando a importância de incorporar a educação climática em todas as disciplinas.



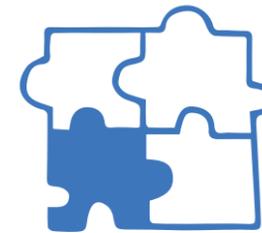
Abordagens
Pedagógicas
Inovadoras



Conhecimento Científico
e Consciência Global



Educação
desde a
Infância



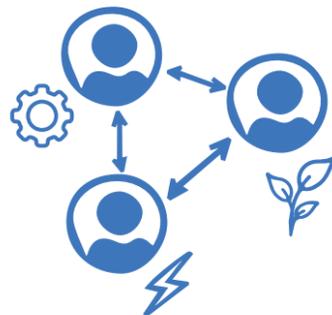
Diversidade Cultural e
Conhecimento Tradicional



Ambientes de
Aprendizagem
Externos



Educação para
a Cidadania e
Participação Social



Interdisciplinaridade
e Transversalidade



Uso de
Tecnologia
e Mídias



Capacitação Docente
e Recursos Didáticos



Foco em Soluções
e Ação Local

O SONHO DOS ATIVISTAS CLIMÁTICOS PARA O MUNDO

Quando os entrevistados foram questionados sobre seu sonho para o mundo, as respostas se agruparam em dez áreas temáticas, refletindo um espectro amplo de aspirações. As aspirações dos entrevistados para o futuro centralizam-se, principalmente, na sustentabilidade e preservação ambiental.

As respostas dos entrevistados desenham um cenário onde cada tema se entrelaça com o outro, formando um **mosaico de aspirações** que refletem uma profunda conexão entre sustentabilidade ambiental, justiça social, paz, integração com a natureza, mudança de paradigma, educação, respeito por todas as formas de vida, solidariedade, inovação e bem-estar. É uma visão holística que reconhece a interdependência de todos esses elementos na construção de um futuro melhor.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relatório destaca a importância e a urgência do ativismo climático no Brasil. A análise das respostas (de caráter quantitativo e qualitativo) destaca a diversidade etária, regional, cultural e social de perfis dos ativistas brasileiros. Consequentemente, as motivações e formas de atuação destes refletem um movimento plural na busca por soluções sustentáveis e justas para a crise climática. As aspirações dos ativistas por um mundo sustentável, justo e pacífico ressaltaram a conexão entre a justiça social e a sustentabilidade ambiental.

Os dados apresentados reiteram também a necessidade de abordagens inovadoras e interdisciplinares na educação e no ativismo climático. Com base nas informações obtidas nesta pesquisa, é possível identificar áreas que podem necessitar de maior atenção ou ação

estratégica. Entre elas, destacamos: (i) O comprometimento com a Justiça Climática e a percepção dos impactos das mudanças climáticas a partir de aspectos como consumismo, cultura, economia, qualidade de vida e equilíbrio planetário, e segurança internacional - os dados revelaram que a percepção sobre a justiça climática e o impacto das mudanças climáticas sobre alguns aspectos sociais, culturais e econômicos pode não ser tão predominante quanto esperado. Isso sugere a necessidade de estratégias que ampliem a conscientização sobre como as questões climáticas estão intrinsecamente ligadas à justiça social e à urgência de ações imediatas, e (ii) Participação em Aulas sobre Mudanças Climáticas - observou-se que a maioria dos ativistas climáticos (69,1%) não tiveram aulas relacionadas ao tema. Isso destaca uma lacuna significativa na educação climática dentro dos currículos es-

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

colares brasileiros. Neste contexto, é preciso urgentemente a inserção da educação climática de forma transversal nas escolas, tanto públicas quanto privadas, garantindo que todos os estudantes tenham acesso a uma educação crítica sobre o clima e seus atuais desafios.

Os aspectos avaliados nesta pesquisa refletem diferentes desafios para lidar, mas também nos sinalizam oportunidades para ampliar o impacto do ativismo climático e da educação climática no Brasil. Ao abordar essas lacunas, é possível fortalecer a resiliência dos atuais e futuros ativistas, promover a justiça ambiental e acelerar a transição para uma sociedade mais consciente e engajada ativamente sobre as mudanças climáticas.

Anderson, A. (2012). Climate Change Education for Mitigation and Adaptation. **Journal of Education for Sustainable Development**, 6(2), 191-206. DOI: 10.1177/0973408212475199.

Artaxo, Paulo. (2022). Mudanças climáticas: caminhos para o Brasil: a construção de uma sociedade minimamente sustentável requer esforços da sociedade com colaboração entre a ciência e os formuladores de políticas públicas. **Ciência e Cultura**, 74(4), 01-14. DOI: 10.5935/2317-6660.20220067

Barros H. C. e Pinheiro, J.Q. (2021). Reflexões sobre a comunicação das mudanças climáticas e o cuidado ambiental: a visão de professores no contexto escolar. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e78098. DOI: 10.1590/0104-4060.78098.



Knott, E., et. al (2022). Interviews in the social sciences. **Nature Rev Methods Primers** 2, 73. DOI: 10.1038/s43586-022-00150-6.

Magno et. al (2016). A Educação em Mudanças Climáticas: Uma Abordagem Interdisciplinar. **HOLOS**, 32, Vol. 4. DOI: 10.15628/holos.2016.3950.

Malecha, A., Vale, M., Manes, S. (2023). Increasing Brazilian protected areas network is vital in a changing climate. **Biological Conservation**, Vol. 288, 110360. DOI: 10.1016/j.biocon.2023.110360.

Orlandini, Rômulo (2012). Movimentos ambientais no Brasil são marcados por profissionalização e redes de cooperação. **ComCiência**, n. 136.

UNFCCC (1992). United Nations Framework Convention on Climate Change. **United Nations Framework Convention on Climate Change**. unfccc.int/resource/docs/convkp/conveng.pdf. Acesso em: 10/02/2024.

Zeppo, L. V., & Coltri, P. P. (2022). Educação em Mudanças Climáticas no contexto brasileiro: uma revisão integrada. **Terræ Didática**, 18 (Publ. Contínua), 1-12, e022039. DOI: 10.20396/td.v18i00.8671305.